

## **O LEGADO DE FRANCISCO PINHEIRO LIMA JUNIOR (1918/2013)**

Dinorah d'Araújo Berbert de Castro

Francisco Pinheiro Lima Júnior nasceu em Pojuca, Estado da Bahia, em 13 de novembro de 1918, onde iniciou curso primário, continuado em Salvador. Em 1931 seguiu para matricular-se, em 11 de fevereiro, no Seminário Menor de São José. Iniciou, depois (1936), curso de Filosofia, de 03 anos no Seminário Maior de Santa Tereza. Após 04 anos de Teologia, ordenou-se sacerdote, em 29 de novembro de 1942.

Teve no Seminário, justamente em fase de reconhecida fama e cultura sólida.

Foi professor no Seminário Menor, em Itaparica, sendo enviado pelo Arcebispo D' Augusto Álvaro da Silva, sempre lembrado e querido pelo professor Pinheiro, para estudar em Roma. Na Universidade Gregoriana, obteve os graus de Bacharel de Licenciando em Filosofia (“magna cum laude”) nos anos de 1945-47.

Secretário particular de Cardeal da Silva, capelão do Hospital Juliano Moreira e do Convento dos Perdões.

Obteve do Santo Padre, em 1965, dispensa do encargo sacerdotal. Costumava lembrar frase de Thomas Jefferson (1743-1826): “Quem não pode ser um advogado honesto, seja honesto sem ser advogado” – frase a ser, no caso, aplicada mais ao culto extremado à verdade, a cujo serviço dedicou sempre sua vida, merecendo em todos os tempos a homenagem da Bahia, quem tanto serviu, em todas as etapas da sua vida.

Em “novíssima verba”- as últimas palavras: “compareço, aqui e agora, a fim de agradecer a quantos, amigos “aula”. Seródia, e ministrada a eminentes pessoas, ilustres colegas e seleta assistência, não a profirirei. Estou – assim entendo – para uma prestação de contas de um magistério, sem licença-prêmios, que se iniciou em 13 de setembro de 1957, sem falta (apenas, talvez, umas seis, por motivos de saúde).

Estranho, para não dizer providencial desígnio, na tarde do citado mês e ano o professor Dr. Edgard Santos, Reitor Magnífico da UFBA me fez vir em carro oficial, com interrupção de aula ministrada na Faculdade Católica de Filosofia, na Palma, a esta reitoria para receber o pedido-ordem de iniciar,

imediatamente, aulas de um curso filosófico da Faculdade de Filosofia, então à Av. Joana Angélica, em substituição ao mestre que se aposentara.

**Como educador** – Recém-chegado de Roma, no Governo de Juracy Magalhães, quando Secretário de Educação Wilson Lins, foi Superintendente do Ensino Médio, onde enfatizou a necessidade da criação e melhor manutenção de ginásios profissionais – à semelhança do existente em Cachoeira.

Com a criação do CEAP – Centro de Aperfeiçoamento do Professorado, esteve, por dois anos na direção do órgão, e publicou a revista “Educação e Ensino”. Especialista em educação foi membro substituto no Conselho Estadual de Educação (duas gestões). Arguido pela comissão da Assembléia Legislativa, mereceu de seu realtor, deputado Bolívar Santana, o elogio de ter apresentado o melhor currículo. O CEAP teve participação na área educacional da Bahia, pois, pela publicação de “Redacta”, o Conselho Estadual de Educação divulgou sua história e resoluções. Durante vários anos, prestou serviço às Bandeirantes, na Bahia. Foi Técnico de Educação pela SEC da Bahia.

**Professor e conferencista.** Foi assim, inicialmente, como educador o início de sua longa e ininterrupta atividade em magistério universitário, na UFBA (de que é Professor Emérito) e na UCSal, de que foi fundador, com exercício de cargo de diretor em várias gestões. Bom é lembrar que na FFCH da UFBA conseguiu introduzir, em tempos, a disciplina “Filosofia de Educação”, no Departamento de Filosofia, e “Lógica Moderna”, também posta nos cursos de Filosofia do IFCH da UCSal.

O pendor educacional se fez, então, de logo evidenciado com os artigos “Sentimento e razão” (CEAP. Educação e Ensino) e o “Retrato psicológico das idades segundo Aristóteles” (in Arquivo, Revista da FFCH). Como superintendente do ensino médio, foi patrono da turma do Colégio Taylor Egídio em Jaguaquara.

Como educador, procurou seguir as lições de S. Tomás, para quem o pedagogo é causa instrumental na formação da pessoa – causa principal – o “self made man”.

Famoso orador sacro – foi no seu tempo louvado por todos – não escreveu nenhum de seus sermões nas festas de padroeiros na Bahia e nas solenidades

religiosas de formatura das faculdades baianas -, pregou certa vez em Vitória do Espírito Santo, para concluintes de Direito, além de aí ministrar aula.

Compreende-se, assim, por que pertence à Academia Baiana de Educação, na cadeira que tem como Patrono o Prof. Possidônio Dias Coelho, de quem escreveu biografia (19p.), porque, outrossim, ocupa a cadeira “Sedes Sapientiae”, na Academia Mater Salvatoris.

Logo depois de ordenado sacerdote, ensinou no Seminário Menor, em Itaparica, latim, grego e italiano. Teve sempre particular culto e línguas.

Na volta de Roma, voltou a ensinar Filosofia no Seminário Maior, e nos Colégios das Sacramentinas e Mercês. No Colégio Macedo Costa, lecionou francês e latim.

No antigo pensionato de Pe. Torrend – na Av. Sete, nas noites de quarta-feira, proferiu palestras de Filosofia a grupo de acadêmicos. Num louvável costume, outrora, havia preparação para a páscoa universitária. Prof. Pinheiro era designado, principalmente, para as palestras, com debates, nas Faculdades de Direito e Politécnica.

Quando se processou a campanha “pró Divórcio”, debatia em favor da tese Católica.

**“Caça à Definição”. Pesquisador.** É a tese defendida na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas para obtenção do grau de Docência Livre e Doutorado em Filosofia (setembro de 1961).

Foi inicialmente escrita em Roma, onde o acesso a ricas bibliotecas lhe ensejou a consulta a famosos comentadores de Aristóteles e a livros entre nós não contraditórios.

O título **Caça à definição** é empregado, na tradição de autores gregos e latinos, para denotar o esforço em se conseguir uma boa definição. Consta a tese em três partes. A primeira contém explicação do termo empregado – caça – e os processos usados antes de Aristóteles para definir uma realidade, e, finalmente, a alusão aos trabalhos de Santo Tomás e Aristóteles, relativamente ao problema: “fácil definir?” (Cap. IV).

A segunda, que é a fundamental, fala dos métodos (Cap. I), da demonstração da essência (Cap. II) da divisão (Cap. III), da sensação (Cap. IV), da indução (Cap. V), dos métodos ascensivo e descensivo para definir (Cap. VI).

A terceira parte mostra o emprego do método por Aristóteles (com exemplos para definir a felicidade e a alma), terminando por falar do método empregado por Santo Tomás (Cap. II).

Em conclusões (dez itens), procura mostrar o sentido aleatório, difícil de perscrutar a natureza das coisas: “Não pode o homem conhecer tudo de nada, mas não lhe foge, outrossim, o nada de tudo, impossíveis que lhe são o relativismo absoluto do conhecer e um conhecimento absoluto sem relações”. Aristóteles e Santo Tomás falam da precariedade e dos limites da inteligência humana, perfectível e nunca isenta das contingências culturais. Não se lhes pode, pois, criticar a mania de definir, mas, por outro lado, não parece que o processo definitório tenha sido mais bem exposto do que por esses pensadores. Assim pensa o Professor Francisco Pinheiro.

“Caça à definição” exprime a passagem metódica da simples apreensão ou confuso conhecimento, global e imperfeito, à distinta percepção dos elementos essenciais, ordenados e mais claros.

Como todo método, supões um princípio, um objeto, um processo e um fim, máxime, o fator pessoal, que diversamente o modificam e lhe imprimem características próprias e díspares resultados.

Quanto ao princípio, os pressupostos de ciência ou conhecimentos variados, em maiores ou menores profundidades e extensão, estabelecem pontos de partida diferentes e finalidades, proporcionalmente, variáveis.

Em relação ao objeto, seu conhecimento é tanto mais difícil, quanto mais complexo em elementos, se refira às substâncias materiais, a seres que, pela falta de relações ou transcendência, fogem à observação. Nesse ponto, se tornam mais acessíveis as definições da matemática, lógica, ética e psicologia.

Existem, sim, os dois processos naturais do conhecimento, que buscam a definição, pela via ascendente, dos conceitos menos genéricos aos mais universais, das partes ao todo, e, pela via descendente, do mais universal ao mais particular, contido em sua compreensão. Tais formas, contudo, não são exclusivas e, do uso concomitante delas, ao sabor de várias causas, se

evidencia a dificuldade de qualquer método, que entende com os mistérios particulares do que, por hipótese, se ignora... e procura.

Enganar-se-ia quem, na visão conceitual e nas definições, julgasse encontrar o máximo da função cognoscitiva do homem a meta a colimar-se, não só em razão do inefável, que na intuição se colhe, mas em razão da própria estrutura da definição, que é limite.

Como todo instrumento, o método definitório supõe o talento e a argúcia, eminentemente pessoais e impossíveis de se aquilatarem e regularem. De si tão só, não basta; é útil, se bem empregado, e com a flexibilidade de quem serve a quem sabe, pode e quer...

Os exemplos que Aristóteles e Santo Tomás usam, definindo, assinalam, bastas vezes, antes meios pedagógicos e sem maiores pretensões, do que resultados científicos, quando não atestam a precariedade e limites da inteligência humana, perfectível e nunca isenta das contingências culturais. Daí, a impossibilidade de, neles, encontrar fórmulas mágicas ou acabadas, para saciar a natural tendência humana de saber cada vez mais.

Acha a filosofia aristotélico-tomista um sábio meio termo entre extremadas posições de ceticismo ou de pretensa ingenuidade, e, malgrado os erros cometidos, se apresenta como aberta às conquistas do saber, menos, até, pelo que de certo possui do que de incerto nos alerta, máxime em questões ligadas às ciências não filosóficas.

Não pode o homem conhecer tudo de nada, mas não lhe foge, outrossim, o nada de tudo, impossíveis que lhe são o relativismo absoluto do conhecer e um conhecimento absoluto sem relações.

“Caça à definição” expressa bem o difícil, diuturno e aleatório processo de perscrutar a natureza das coisas, mas não descoroça quantos, humildes e confiantes, a ela se dedicam, pois... “a obra do caçador é grata aos deuses”... (Xenofonte, Cineg XIII, 15-18).

Pelo ineditismo do tema, pela profundidade da análise e pela opulenta bibliografia, a tese **Caça à definição**, inicialmente mimeografada, mereceria ser publicada.

Em 1964, a Faculdade Católica de Filosofia da Bahia publica “As 24 teses tomistas” (24p.).

Pe. José Pereira de Souza traduz as teses que a Sagrada Congregação dos Estudos, em 1914 (A.A.S., vol.VI, p. 383-6) propôs como lúdimo resumo da filosofia de Santo Tomás, como norma para as escolas católicas.

O Prof. Pinheiro redigiu uma “apresentação” (p. 5-13) das linhas gerais do pensamento tomista, apresentando um inédito esquema de todas essas teses, a que acrescentou as fontes pertinentes em vários escritos do Aquinate.

Creio constituir-se tão minúsculo quanto substancioso livro uma importante referência para o movimento tomista no Brasil, onde não o vemos citado.

No Congresso Nacional de História, no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (1973), enviou comunicação, que não foi publicada nos Anais, sobre o **Compêndio Elementar de Filosofia** de Frei Antônio da Virgem Maria Itaparica, em que procura mostrar certa ligação do mestre franciscano com o sistema tradicionalista a que, porém, não aderiu de todo. O Prof. Antônio Paim julgou de grande mérito o estudo, porque abriu perspectivas para o estudo dessa corrente filosófica entre nós, ainda não analisada.

No “Ciclo de conferências”, na UCSal (Sesquicentenário da Independência da Bahia 19.3), escreve sobre “ideias filosóficas na Bahia” (65-76)).

Para o concurso de titular na FFCH na UFBA (1975), já engajado em pesquisa do pensamento brasileiro, o mestre Pinheiro, completando nosso trabalho sobre teses inaugurais em Medicina, escreve volumosa tese (535fls. Datilografadas) – “Ideias filosóficas nas teses de concurso na Faculdade de Medicina da Bahia – século XIX”. Foram estudados 74 autores, em 113 dissertações, no período de 1836 a 1900. Na mesma época publica “Ideias filosóficas nas teses de verificação de títulos na Faculdade de Medicina da Bahia” (31 autores com 196p.).

Como era de esperar-se, pelas comparações de teses hoje defendidas em caráter mais técnico e científico, ainda se observam dos trabalhos para concurso, em estudo, incursões em temas filosóficos, em moldes mais ou menos explícitos, principalmente em escritos predominantemente especulativos e nas “Proposições” relativas à Medicina Legal. Obstetrícia e Higiene. Geralmente se observa um embasamento na linha mecanicista,

vitalista bastante vária e organicista. Geralmente há respeitosa atitude quanto às doutrinas espiritualistas. O autor examina e julga ter detectado orientações positivistas, em que pese nenhum sistema filosófico ter prevalecido na Faculdade.

O autor confessa ter feito um contrato de risco... Em que pese existir, em menos número do que pela análise de “teses doutorais”, exposição de sistemas ou idéias filosóficas, ainda assim nas teses concursais, pelo espírito da época, algo se pode detectar de Filosofia. Observe-se Que, então, Augusto Comte, Spencer, Darwin, Haeckel, Virchow, Moleschott, Büchner e Volgt fascinam.

Em co-autoria com a autora publicou Padre Mestre Com. Dor. Joaquim das Mercês (1786-1854) Mestre de Filosofia, Cidado do Salvador 1977, 129p.

É um estudo sobre o autor da famosa Carta Manuscrita relativamente aos primeiros mestres de Filosofia do Nordeste, escrita em 12 de agosto de 1851, cujo texto é restaurado do original. Pelo índice se percebe a amplitude do trabalho: referências bibliográficas; monge beneditino, frade carmelita, padre secular e cônego maçom, político e revolucionário; mestre, autor e tradutor; carta manuscrita; considerações finais.

Constitui-se o livro peça fundamental para o estudo do filosofar no Brasil, bem como uma das raras bibliografias de pensador brasileiro.

Marcou o início da pesquisa filosófica na Bahia autores de idéias.

Importante, sobretudo é a análise que faz de pensadores entre nós conhecidos por compêndios, dos quais foi um dos tradutores. Para o julgamento das idéias norteadoras do pensar filosófico do nosso Pe. Mestre, encontramos-lo jungido por conjecturas históricas ao empirismo mitigado de Genovesi em pontos gnosiológicos e aderido, em matéria ética política a certo liberalismo, quiçá numa posição eclética entre o conservadorismo de nomes tradicionais e o radicalismo no tríplice aspecto econômico, estatal, religioso-filosófico. Por isso se pode concluir “passou a história como uma das figuras mais representativas da conturbada época em que viveu; principalmente no de Filosofia, sem vulto na consideração dos pósteros.

É o iniciador, entre nós, dos estudos de Antônio Ferrão Moniz de Aragão, sobre o filósofo baiano, nascido em 1813 e falecido, em Salvador, em 1887, tendo estudado na França, onde assistiu a aulas de Augusto Comte, a cujo sistema particularmente se ligou, havendo publicado livro sobre a classificação das ciências, quando diretor da Biblioteca Pública da Bahia.

Por ocasião do centenário de sua morte, publicou página em A TARDE (2º caderno) de 30/VI/1987, resumindo-lhe vida e obras. Conheceu bem Ferrão Moniz, pois possuía alguns “diários” do ilustre pensador, a ele confiados pela ilustre Edite Gama e Abreu, receosa da perda de restante acervo, quando ainda se encontra mal organizada a Academia de Letras da Bahia, com sede no Terreiro de Jesus. Tais Diários – e não eram todos – entregou-os depois à Academia, ora sob a grande administração Cláudio Veiga. É obra para especiais pesquisas, além dos inúmeros manuscritos sobre ciências existentes, manuscrito também, no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

O Prof. Pinheiro termina o escrito com essas palavras: “Há 100 anos, faleceu na Cidade do Salvador, um dos mais ilustres baianos, de polimorfa cultura e entranhado amor pela filosofia. Legou-nos preciosos escritos, na grande parte inéditos. ‘Non omnis moriar’ – pensava o epicureu Horácio a propósito de sua obra. Numa visão cristã da vida, diria, por Ferrão Moniz, com sua vida e seu legado científico “totus equidem vivam”, pois está junto a Deus, Suma Verdade, Sumo Bem, Suma Beleza, aspirações constantes de sua trajetória terrena”.

Numa já escrita, embora não publicada, História das Idéias Filosóficas na Bahia – trabalho alentado e em co-autoria com a professora Dinorah d’Araújo B. de Castro – Antônio Ferrão Moniz tem numerosas páginas sobre sua vida e trabalhos e pensamento. Em co-autoria, “Idéias filosóficas na Faculdade de Direito da Bahia” (UFBA, 1977, 258 p.).

No Encontro de professores pesquisadores de pensamento brasileiro (Londrina, 1977) profere palestra, que foi unanimemente aplaudida, , sobre o uso de uma expressão “Filosofia brasileira”, quando, socorrendo-se da semântica e da história, optou pela expressão “idéias filosóficas no Brasil” – ou “o filosofar no Brasil”. Trabalho não publicado.

A propósito, lembro do que respondeu a um dos examinadores de seu concurso para Livre Docência na FFCH da UFBA, que lamentava não lhe ver

mais quantiosos escritos: “Aqui na Bahia, ou não se ensina ou não se publica” – dado o acúmulo de aulas com que se sobrecarregam os docentes...

Foi autor, em co-autoria, Profa Dinorah d’Araujo B. de Castro, de “Universidade Católica do Salvador – 30 anos” (137 p., 1991), excelente trabalho ilustrado de nossa UCSal, onde aparece um verso de poema em latim – língua em que foi perito – ao Papa João Paulo II, quando da visita a Salvador em 2 de outubro de 1991.

### **História da Idéias Filosóficas na Bahia (séc. XVI-XIX).**

Neste trabalho se examinam os valores de nossa formação – elementos indígena e africano, o ideário de movimentos populares baianos – Revolta dos Malês, Sabinada etc. – bem como o episódio Canudos, os grupos políticos entre nós, a questão escravagista etc.

Naturalmente, merecem especial enumeração e análise os estabelecimentos de ensino, desde o início de nossa colonização, os professores, os escritos, os compêndios adotados entre nós. Estudam-se as aulas régias e os estabelecimentos de ensino pioneiros (Escola Normal e Ginásio da Bahia), bem como o Seminário Eclesiástico.

Numerosos pensadores são pesquisados, mais ligados ao filosofar, bem com a Faculdade de Medicina, a Escola de Medicina, a Escola Agrícola, a Faculdade de Direito, relativamente a idéias filosóficas aí admitidas.

Já se prepara uma segunda etapa do trabalho, com a história das Faculdades de Filosofia (Federal e Católica) seus mestres e escritos, bem como análise de mais modernos pensadores entre nós.

**Pensamento Filosófico** – Relativamente à formação filosófica, deve-se ressaltar dois períodos: 1) Aprendizagem da Filosofia, em curso de três anos, no Seminário Central da Bahia, dos 18 a 21 anos de idade, procurando assimilar o que o manual de Reinstadle (“Elementa Philophae Scholasticae”) em 2 volumes com os diversos tratados, exceto o referente à Estética. Tempo de assimilação, sem maiores poderes de crítica; 2) Bacharelado e licenciatura na Universidade Gregoriana (Roma), com mestres ilustres e autores de manuais, inclusive. Período de reflexão maior e crítica do que magistralmente foi ensinada, com maiores adesões ao aristotelismo e ao tomismo, em que encontrou a profundidade e o sadio meio termo – que não é mediocridade – entre extremadas posições, que bem procurou conhecer.

Autores que principalmente influenciaram em seus estudos: Sertillanges, De Tonquédec, Maritain e Gilson, sempre com uso de dicionários e enciclopédias – em bom número possuiu – juntamente com as Histórias da Filosofia.

Porque percebeu a necessidade da formação metodológica e científica, priorizou a Lógica, inclusive em sua orientação moderna – estudo que introduziu nos currículos que ensinou (FFCH da UFBA e IFCH da UCSal).

Tratou, de logo, de aperfeiçoar o conhecimento de línguas.

Foi contudo, a Teoria do Conhecimento ramo a que especialmente se dedicou, visando conhecer a possibilidade de conhecer, em profundidade e extensão. Ainda reputa a Gnosiologia o tratado mais importante da filosofia.

Em consequência disso, seu trabalho de fôlego foi a elaboração da dissertação “Caça à Definição”, que foi sugerido pelo eminente dominicano Reginaldo-Lagrange, que escreveu esquema, para ele com caneta molhada em tinteiro, quando o visitou em sua sela no Angelicum. O contacto com rica e rara bibliografia – começou a escrever em Roma – o fez optar sempre contra a superficialidade e improvisação..., a ida às fontes... a colocar o argumento de autoridade como de mínimo valor... a estudar os grandes filósofos, na fonte! Acima o estudamos.

Crê haver duas fontes fundamentais para o conhecimento: a abstração – que conhece o universal -, a intuição que de modo imediato e concreto apreende a realidade. Necessária a mútua colaboração, a fim de que se salvem o objeto e o sujeito.

Visto que, tão só no estudo prolongado e sério é possível o filosofar, teve que ser exigente no magistério, sem culto a personalidades ou a admitir que o mais moderno pensar seja, de si, o verdadeiro... Aliás, um estudo profundo da História da Filosofia mostra que os grandes temas continuam a espicaçar os espíritos, em todos os tempos, em que pesam o ângulo de consideração e as divergências quicá menos profundas do que se julgam, tantos e diversos os ângulos de consideração! Procura ser homem de sistema, sem ser sistemático.

Por fim, costumava lembrar, com Aristóteles, que “ todo homem é naturalmente filósofo”, em respostas a “que sou, donde vim, para onde vou” , como acreditam numa metafísica, com o étimo mais de “além”, do que de

“depois”...” como não crê num filosofar patrimônio de “alguns”, tanto mais quando se torna nimiamente incompreensível pelo hermetismo da linguagem, tentando repetir o dito popular: “que diabo disso é aquilo?”

Lembra sempre, quanto ao labor filosófico, o final do famoso soneto de Hérédia “Les conquérants”:

“debruçados na frente das grandes caravelas,  
eles vinham surgir de novos mares novos céus...”

Faleceu o professor Doutor Francisco Pinheiro Lima Júnior em Salvador-Bahia no dia 11 de maio de 2013.